

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC  
Departamento de Ciências Humanas – DCHU  
Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo**

**Rafaela de Campos Nogueira  
RA 131032445**

**WEB REPORTAGENS À LUZ DO PARTO: RELATOS, REFLEXÕES E FATOS NA  
OBSTETRÍCIA**

**Bauru – SP  
2017**

Rafaela de Campos Nogueira

**WEB REPORTAGENS À LUZ DO PARTO: RELATOS, REFLEXÕES E FATOS NA  
OBSTETRÍCIA**

Relatório de Projeto Experimental do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dra. Caroline Kraus Luvizotto

Bauru – SP  
2017

Rafaela de Campos Nogueira

**WEB REPORTAGENS À LUZ DO PARTO: RELATOS, REFLEXÕES E FATOS NA  
OBSTETRÍCIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_ para obtenção  
do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.**

**Banca Examinadora:**

---

**Profª Drª Caroline Kraus Luvizotto**

---

**Juliana Gobbi Betti**

---

**Profª Drª Lucilene dos Santos Gonzales**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e à minha irmã, por me permitirem estudar na Unesp, me apoiarem sempre em todos os aspectos da vida e acreditarem que sou capaz.

À minha amiga Mariana Amud, por me ajudar tanto em muitas decisões durante a produção do produto, me salvar das situações de adversidade e se preocupar com meu bem-estar.

Às minhas amigas Tatiana Olivetto, Bheatriz D'Oliveira e Giovanna Falchetto, por viverem não só o TCC comigo, mas por estarem presentes de corpo e alma em minha vida (e permanecerem nela!).

Ao meu amigo Felipe Navarro e ao nosso gato Astolfo, por passarem pelo dia a dia da criação deste trabalho comigo.

À minha orientadora Caroline Kraus, por literalmente me orientar, me auxiliando e incentivando em todo o processo de produção.

Às mães e profissionais entrevistados, que permitiram que este produto se concretizasse!

## **DEDICATÓRIA**

Às mães, que tem o incrível dom da natureza de gerar outra vida!

*Esse é o momento mais sublime na vida de uma mulher, que, por nove meses, sofre com dores sorrindo, à espera do seu filho perfeito gerado em seu ventre. Quando a mulher decide ser mãe, ela entra em estado de graça e acalenta seu ventre à espera incessante, transbordando de amor para dar, sem querer nada em troca, apenas satisfeita com o calor que sentirá de seu filho em seus braços. Até que chega a hora de dar à luz.*

Autor desconhecido

A série de reportagens produzidas como Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessada no seguinte link:

**[www.luzdoparto.com](http://www.luzdoparto.com)**

## **Web Reportagens à Luz do Parto: Relatos, Reflexões e Fatos na Obstetrícia**

### **RESUMO**

A proposta deste trabalho foi reunir relatos de partos humanizados realizados em casa e cesáreas hospitalares, explorando como foi tanto o pré-natal, quanto o momento do nascimento em si, em relação a orientação da gestante, opção de escolha da parturiente e situações em que houve violência obstétrica. A partir dos relatos, foram reunidos dados concretos, assim como opiniões de especialistas acerca do tema, a fim de refletir sobre o momento do parto, como as gestantes lidam com o mesmo e a equipe de realização atua. As reportagens foram publicadas em um site, denominado “À Luz do Parto: relatos, reflexões e fatos na obstetrícia” ([www.luzdoparto.com](http://www.luzdoparto.com)), tendo como público-alvo mulheres em idade reprodutiva que são ou pretendem ser mães. Foi possível visualizar, com este estudo, o cenário das parturientes; ademais, refletir e entender experiências reais como ilustrações dos números de pesquisas.

**Palavras-chave:** Partos; Parto Humanizado; Parto Natural; Cesárea; Violência Obstétrica.

## **Web Reports in the Light of Childbirth: Stories, Thoughts and Facts in Obstetrics**

### **ABSTRACT**

The purpose of this study was to gather reports of humanized births, those performed at home and those performed by caesarean section, exploring how the prenatal period and the time of delivery itself were, in relation to the orientation of the pregnant woman, the parturient' choices and situations in which obstetric violence occurred. From the reports, concrete data were pointed out, as well as expert opinions on the subject, in order to reflect on the moment of childbirth, how the pregnant women deal with it and the team's accomplishment. The reports were published on a website called "In the Light of Childbirth: Stories, Thoughts and Facts in Obstetrics" ([www.luzdoparto.com](http://www.luzdoparto.com)), targeting women of reproductive age who are or intend to be mothers. It was possible to visualize, with this study, the scenario of the parturients; in addition, reflect and understand real experiences as illustrations of research numbers.

**Keywords:** Childbirths; Humanized childbirth; Natural childbirth; Cesarean section; Obstetric Violence.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>15</b>
2.1	Escolha do gênero	15
2.1.1	Web reportagem a partir de entrevista	16
2.2	Formato	16
2.3	Conceitos relacionados ao tema	17
2.3.1	Partos	17
2.3.1.1	Parto humanizado	17
2.3.1.2	Parto natural caseiro	20
2.3.1.3	Violência Obstétrica	22
2.4	Técnicas jornalísticas empregadas	23
<b>3</b>	<b>PROJETO DO PRODUTO JORNALÍSTICO</b>	<b>25</b>
3.1	Escolha do tema e do produto	25
3.2	Projeto Editorial	25
3.2.1	A linguagem	26
3.2.2	O público-alvo	26
3.2.3	Viabilidade do mercado	27
3.2.4	Circulação e lançamento	27
3.2.5	Custos	27
<b>4</b>	<b>AS WEB REPORTAGENS</b>	<b>28</b>
4.1	O processo de produção	28

4.1.1 Definição das entrevistas e acompanhamento.....	28
4.1.2 Busca e escolha das fontes.....	29
4.1.3 Redação das reportagens.....	29
4.1.4 Uso de imagens.....	30
4.2 Técnicas empregadas .....	30
4.3 Produto final .....	31
4.3.1 Projeto gráfico.....	31
4.3.2 Especificações técnicas .....	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A gravidez e o parto são eventos sociais que integram a vivência reprodutiva de homens e mulheres. Este é um processo singular, uma experiência especial no universo da mulher, de seu parceiro ou parceira, que envolve também suas famílias e a comunidade. A gestação, parto e puerpério constituem uma experiência humana das mais significativas, com forte potencial positivo e enriquecedora para todos que dela participam (BRASIL, 2001).

A cada hora nascem 321 bebês no Brasil. São 5,36 crianças em média por minuto, ou uma a cada 11,2 segundos (CERQUEIRA, 2006). Como esses bebês nascem ainda é motivo de desacordos, discussões, medo e negligências no Brasil. A não-obrigatoriedade de que os partos sejam realizados por médicos permite que mulheres procurem casas de parto, buscando um parto natural, como aquele feito à moda antiga. Outras mães buscam o parto humanizado, por meio de equipes e centros especializados neste tipo de parto, práticas que vem se tornando mais comuns no Brasil, apesar de ainda não existirem dados oficiais.

Simultaneamente, as cesáreas prevalecem como a forma mais usada pelas brasileiras para o nascimento de crianças - enquanto a Organização Mundial da Saúde recomenda que, no máximo, 15% de todos os nascimentos sejam cesarianas, o Brasil lidera o *ranking* mundial com 53% dos nascimentos por vias cirúrgicas, sendo 88% na rede privada e 46,0% na rede pública, segundo o Inquérito Nacional sobre Partos e Nascimento – Nascer no Brasil de 2014.

A violência obstétrica também está muito presente, seja física ou psicológica. Numa pesquisa da Fundação Perseu Abramo com o SESC realizada em 2010, 25% das mulheres entrevistadas sofreram algum tipo de agressão durante a gestação, em consultas pré-natais ou no parto, como repreensões, humilhações e gritos à recusa de alívio da dor, realização de exames dolorosos e contraindicados, passando por xingamentos grosseiros com viés discriminatório quanto à classe social ou cor da pele.

Apesar da assistência hospitalar ser quase universal no país (98,4% em 2008, segundo Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher do Ministério da Saúde), a qualidade do atendimento é insatisfatória e traz relatos de desrespeito às grávidas tanto em relação às suas escolhas (quando existem) quanto ao seu corpo e ao seu próprio bebê, que acaba correndo risco de vida em muitos casos de partos forçados.

Devido a este caráter humano da pesquisa, várias fontes foram consideradas. São elas: Pesquisas exploratórias, bibliográficas e da internet, que trouxeram dados sobre partos no Brasil e ligadas à presente investigação; Artigos com definições de cada tipo de parto, além de discussões sobre este contexto; Relatos particulares, ou opiniões pessoais de especialistas ou de profissionais diversos, que, uma vez reunidas e organizadas, permitem uma visão mais ampla, geral; Análises acadêmicas, que partem normalmente de visões mais abrangentes pelas quais podemos tecer relações como os casos particulares.

Jornalisticamente, este estudo se justifica para trazer, de maneira compreensível por meio de *web* reportagem, relatos de mães que passaram por diferentes experiências no parto, contando sobre orientações durante a gestação, escolha de parto e como foi a experiência em si. Esses relatos podem servir como exemplos de vivência do momento do nascimento, especialmente para mães que buscam sobre o parto humanizado e o parto natural caseiro.

Nesse sentido, explora-se a autonomia da mulher no contexto do nascimento vinculada à sua inclusão na decisão sobre a via de parto, que ocorre na medida em que ela é informada a respeito das evidências científicas disponíveis para indicação da melhor conduta na situação determinada (DINIZ, 2001). No modelo intervencionista de assistência obstétrica, a mulher torna-se o objeto da ação, perdendo o controle e a decisão sobre o próprio processo do parto e nascimento (TANAKA, 1995). É importante encontrar formas que possibilitem à mulher um maior controle sobre o próprio parto, com direito à opção fundamentada na "escolha informada". Isso deve incluir o direito ao suporte emocional, tendo um acompanhante de sua escolha no parto, com quem queira compartilhar essa experiência.

Falar sobre o parto também é uma questão ligada à saúde pública. Existem aspectos relacionados à assistência ao parto que ainda precisam de discussão. O modelo de assistência ao parto, no Brasil, é caracterizado por excesso de intervenção, o que tem contribuído para o aumento de cesáreas e a morbimortalidade materna e infantil (GOMES; PONTES; PEREIRA; BRASIL; MORAES, 2011).

Este trabalho se justifica também por evidenciar a luta cada vez mais forte pelos direitos das mulheres, mostrando que situações de violência obstétrica são muito presentes e trazem diversas consequências às mães e aos seus filhos.

Tendo em vista o contexto da realização de partos no Brasil, esta pesquisa tem como objeto de estudo as experiências positivas e negativas no parto, mostrando como elas se confirmam por meio de dados e explorando as consequências das

situações traumáticas para a mãe e o bebê, tendo como produto final um site que reúne todo este conteúdo.

O objetivo geral deste estudo é refletir sobre a questão do parto enquanto questão social e de saúde pública, por meio da apresentação de vivências no parto, buscando ilustrar os dados de nascimento e casos de violência obstétrica. Especificamente, o estudo pretende: entender quais são os diferentes tipos de parto para informar o público-alvo, que são mulheres em idade reprodutiva que serão ou pretendem ser mães e que se interessam por saber mais sobre cada tipo de parto; ilustrar como se dão os partos caseiros e naturais, humanizados e situações de violência obstétrica; ressaltar a importância da equipe no apoio às grávidas antes, durante e depois do parto; analisar, de acordo com os relatos, de que forma as experiências de parto acontecem em mulheres que pariram.

A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, que visa proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Assim, tinha-se como principal objetivo deste estudo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Sendo assim, o planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Como neste caso, a pesquisa exploratória envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que possam estimular a compreensão (GIL, 2002, p.41).

Nos próximos capítulos, iremos abordar como se desenvolveu este estudo e o que o caracteriza, desde seu gênero, sua aplicação na web, um breve histórico dos conceitos abordados, como se deu o processo de produção até a conclusão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Escolha de gênero

O gênero jornalístico escolhido para apresentar o tema proposto é a web reportagem. A escolha baseia-se na indicação de Basile (2009):

A Internet está reconfigurando as atividades principais dos campos da Comunicação. O Jornalismo e outros campos de atuação, como a Publicidade e as Relações Públicas, estão num constante processo de revisão de suas atividades diárias: de sua forma de produção, de divulgação, de contato com o público e, fundamentalmente, de suas formas de financiamento. (BASILE, 2009, p.9)

No plano editorial, a web desafiou as técnicas tradicionais de produção de reportagem, antes caracterizadas pela separação entre emissor e receptor. Modificou, também, portanto, as formas de produção desta, ao permitir a veiculação imediata de informações em uma plataforma com interatividade (BASILE, 2009).

A reportagem tem como objetivo informar a respeito de um assunto, que nem sempre está relacionado com temas do momento, pois pode tratar de um fenômeno social ou acontecimentos produzidos no espaço público que são de interesse da coletividade. Para Patrick Charaudeau (2006), a “reportagem jornalística trata de um fenômeno social ou político, tentando explicá-lo”.

Melo (1985) define reportagem como um relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações. Já para Lage (1993), a reportagem é um gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (2015), 49% dos brasileiros utilizam a internet e 67% destes usam a web para “saber das notícias/ se informar”. Assim, a ideia de ter as reportagens digitais permitiria um alcance mais significativo que por meio impresso. A opção por trabalhar no mundo virtual também se deu por ele ser o único espaço capaz de agregar textos, vídeos, fotos e outros elementos definidos no plano de comunicação. Por fim, também foi levada em conta a facilidade em atuar neste meio: a internet não exige grande infraestrutura e demanda poucos gastos.

A incrível popularidade da internet deve-se, por um lado, à possibilidade de publicação de documentos que contém textos,

imagens, sons e vídeos. Além disso, o gradual aprimoramento e simplificação dos dispositivos de navegação tem tornado o ciberespaço acessível a um número cada vez maior de usuários. Com tais características, a internet pode ser usada para a transmissão de informação para um número quase ilimitado de pessoas a custos comparativamente menores. (COELHO NETO, 2003, p.60)

Cabe destacar também que as reportagens desenvolvidas neste trabalho se enquadram no gênero opinativo, cujo papel é educativo, esclarecedor.

### **2.1.1 Web reportagem a partir de entrevista**

Dentro do gênero web reportagem, existem subdivisões que caracterizam o seu estilo e a forma como serão apresentadas e dispostas as informações. Os subgêneros das reportagens se distinguem funcionalmente em relação ao modo como o jornalista pesquisa e relata informações para que o leitor conheça mais profundamente certos aspectos da realidade e variam de acordo com o tópico selecionado para relato (KINDERMANN, 2000).

Utilizou-se neste trabalho a reportagem a partir de entrevista. Segundo Kindermann (2000), neste subgênero, a entrevista é usada como técnica de coleta de informações para suprir a reportagem. Nilson Lage (2009) define a entrevista como procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. Foram a base deste trabalho pronunciamentos, desde depoimentos a relatos de dados por especialistas.

Para Kotscho (2004), “não existem fórmulas científicas no jornalismo, especialmente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único”. Assim, utilizou-se de relatos pessoais e intransferíveis para ilustração do tema partos.

## **2.2 Formato**

Os formatos midiáticos são variantes dos gêneros, estando a eles subordinados, ao mesmo tempo em que se desenvolvem segundo suas lógicas internas, próprias, e multiplicam potencialidades. São, em resumo, o instrumento – a forma – que emissores adotam para se manifestar e para fazer circular conteúdos

elaborados em harmonia com circunstâncias distintas (MELO; ASSIS, 2016). Segundo McQuail (2003, p. 4), os formatos constituem “um conjunto de regras e normas implícitas, que regulam como deve ser o conteúdo processado e apresentado para tornar mais vantajosas as características de um dado meio”.

As novas plataformas digitais e o grande fluxo de informações que corre pela rede em alta velocidade implicam novos formatos de comunicação jornalística. O computador e a internet, com todas as suas possibilidades, consolidam-se como práticas de rotina dos profissionais da mídia e acabam por moldar novas formas de produção de notícias e reportagens. Sendo assim, as *web* reportagens deste trabalho estão publicadas em [luzdoparto.com](http://luzdoparto.com), com acesso irrestrito desde 12 de Agosto de 2017. Pensando a produção jornalística especializada condicionada pelo canal, o jornalismo digital apresenta um leque de oportunidades para transformar a forma de produzir a notícia e construir a mensagem, além de mudar, principalmente, a forma em que o leitor recebe este contexto. Foram utilizadas técnicas variadas como uso de imagens, vídeos e texto, utilizou-se do espaço livre para criar o tamanho de texto desejado e adequado e atribuiu-se movimento à mensagem com a criação de links e o formato hipertextual.

## **2.3 Conceitos relacionados ao tema**

### **2.3.1 Partos**

A decisão pela via de parto é influenciada por diversos fatores, como culturais, socioeconômicos, obstétricos e pela forma de pagamento ou não do parto, pelo subsistema de saúde privado ou público. Nas próximas seções deste capítulo, refletiremos a respeito de duas vertentes do nascimento: o parto humanizado e o parto natural caseiro, além da cesárea. Além disso, também será contextualizada a questão da violência obstétrica.

#### **2.3.1.1 Parto Humanizado**

Se, a princípio, o modelo de assistência ao parto baseava-se nos dogmas da igreja católica, que colocava o sofrimento do parto como pena pelo pecado original, e a prática de métodos que diminuíssem a dor era dificultada ou até ilegalizada, com o

passar das conquistas femininas a obstetrícia passou a reivindicar um movimento de resgate da mulher, que não era mais a culpada, mas vítima de sua natureza (DINIZ, 2005).

No início do século XX, o novo método era fazer as mulheres passarem pelo procedimento totalmente sedadas, e realizariam o parto totalmente inconscientes para não terem memórias deste “momento medonho” (DINIZ, 2005). Quando as taxas de mortalidade com este procedimento chegaram a ser inaceitáveis, adotou-se o modelo dividido em pré-parto, parto e pós-parto.

Na segunda metade do século XX, o movimento se voltou para a hospitalização do parto. Resistia-se ao trabalho das parteiras e, segundo Diniz (2005), em alguns países até se chegou a proibir a prática obstétrica não médica e o parto fora de hospitais. Não mais inconscientes, as mulheres pariam sem nenhum acompanhante conhecido. Alguns procedimentos passam a ser incluídos no ato do parto, como o uso de fórceps para retirada do bebê (ainda utilizado pelo Sistema Único de Saúde) e a episiotomia (corte cirúrgico feito no períneo, que é a região entre a vagina e o ânus, formada por músculos).

A falta de autonomia das mulheres sobre seus corpos na década de 70 as impedia de decidir sobre sua saúde reprodutiva e sexualidade (SOARES, 2013). Nos anos 80, os movimentos das mulheres obtiveram grandes conquistas no âmbito político, com a garantia de diversos direitos na Constituição de 1988 e com a concepção do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) pelo Ministério da Saúde, que reconhecia o aborto clandestino e inseguro como grave problema de saúde pública. Apesar deste programa ter sido suprimido com as várias trocas de ministros, a saúde das mulheres começou a ocupar pautas dos movimentos e instituições.

O tema da humanização do parto em si passou a ganhar força no final da década de 1970, com a publicação do livro “*Bases fisiológicas y psicológicas para el manejo humanizado del parto normal*” por Roberto Caldeyro-Barcia, médico e pesquisador uruguaio pioneiro da Perinatologia Obstétrica, que criou o Centro Latino-Americano de Perinatologia e Desenvolvimento Humano (uma unidade da Organização Mundial da Saúde). Ele descreveu o modelo de assistência da época como inadequado e propôs mudanças na compreensão das dimensões anátomo-fisiológicas e emocionais do parto, recebido na época com frieza e hostilidade.

Desde 1992, surgiu um novo paradigma na prática clínica: o movimento pela Medicina Baseada em Evidências, o MBE (DINIZ, 2005), que redescreveu o corpo feminino como apto a dar à luz, sem serem necessárias quaisquer intervenções. O nascimento, antes de caracterizar perigo ao bebê, é definido como um processo fisiológico pelo qual ele precisa passar na transição (respiratória, endócrina, imunológica) para a vida extra-uterina. A Organização Mundial da Saúde declarou, em 1986, que o parto deveria ser tratado com o devido respeito como “experiência altamente pessoal, sexual e familiar”, e os familiares são convidados a estar na cena do parto, especialmente os pais, antes tratados como passivos espectadores.

Com o passar dos anos, cada vez mais os modelos de assistência ao parto foram agregando mais técnicas não consideradas consensualmente necessárias entre especialistas da área, e com isso aumentando os custos - sem a comprovação de eficácia. Estes procedimentos adotados traziam segurança aos obstetras, que o corpo da gestante não oferece (DIAS, 2005). A opinião da mulher neste processo foi colocada totalmente em segundo plano e as decisões eram atribuídas quase que exclusivamente ao médico (SOUZA; GAÍVA; MODES, 2011).

Segundo o dicionário Houaiss (2009), humanizar é “(fazer) adquirir condição humana; tornar(-se) benévolo, tolerável, sensível; tornar(-se) mais sociável, tratável”. O tratamento humanizado é caracterizado como aquele em que o médico entende o paciente como indivíduo, uma pessoa com personalidade e necessidades particulares. É estabelecido um diálogo entre o profissional de saúde e o paciente desde o primeiro momento da investigação sobre a doença à prescrição e aplicação do tratamento ou procedimento. A humanização do parto, por sua vez, tem diversas origens e torna-se polissêmica ao caracterizar as diversas vertentes que fazem parte deste movimento. Significa uma mudança na compreensão do parto como experiência humana e, para quem o assiste, uma mudança no ‘que fazer’ diante do sofrimento” da outra humana, no caso, a mãe que está parindo seu filho (DINIZ, 2005).

No Brasil, segundo Tornquist (2002), chamamos de humanização do parto o movimento internacional iniciado há quase quarenta anos para priorizar procedimentos com tecnologia adequada e a exclusão da tecnologia danosa, e a qualidade da interação entre parturiente e seus cuidadores. “O parto faz parte de uma ação de construção social com características culturais, os modelos refletem saberes e violências de época” (TORNQUIST, 2002).

### 2.3.1.2 Parto natural caseiro

Durante muito tempo, a situação de parto foi resolvida de modo caseiro com a atuação das mulheres da casa auxiliadas por uma parteira mais experiente. Nos casos mais complicados, a falta de técnicas, aparelhos e medicamentos transformavam o nascimento em um fator de risco para o bebê e para a mãe. Sendo assim, passaram-se muitas décadas até que os estudos médicos desenvolvessem alternativas seguras aos nascimentos de difícil execução. As parteiras, nos dias atuais, frisam que o parto deve ser feito a domicílio somente se a gravidez não for de risco e a mãe e o bebê estiverem dentro de condições consideradas normais.

Por outro lado, Helmann (1994) destaca a tendência de medicalizar um evento biológico normal - o parto - transformando-o em problema médico. A mulher grávida passa, ao longo dos anos, a ser tratada como alguém passivo, dependente das decisões médicas. Na atualidade, há uma supervalorização do nascimento com a utilização da tecnologia como algo supremo em nossas instituições hospitalares.

Para Cunha (1991), a interferência da tecnologia médica sobre o parto está associada ao poder econômico que se apossou do corpo feminino durante o período reprodutivo. Observa-se, ainda hoje, que esta posse continua da mesma forma em nossos sistemas de saúde, em relação a gestação e ao parto, pois preconiza-se que o parto seguro é aquele que ocorre no hospital munido de alta tecnologia. Sendo assim, criou-se a filosofia do parto medicalizado, com rigorosa assepsia e atitudes técnicas, muitas vezes desnecessárias, interferindo na maravilhosa conquista evolutiva que é o parto natural.

Cechin (2002) reflete que, sobre o resgate do nascimento natural, paralelamente, surgem alguns questionamentos como: os avanços tecnológicos não beneficiam as mulheres no parto? A medicalização e a episiotomia não favorecem o nascimento? A cesariana não abrevia esse processo ganhando tempo a gestante e o próprio profissional? A resposta a essas questões envolve fatos da trajetória histórica, cultural, social e econômica do processo do nascimento. Culturalmente, cada grupo social pode atribuir valores, significados e condutas diferentes ao mesmo fenômeno (LOWDERMILK; PERRY; BOBAK, 2002). O nascimento assume diferentes rituais nesse leque de variabilidade que enfoca o mesmo acontecimento.

Observando o lugar das mulheres na sociedade, percebemos que no mundo antigo sua função básica era de reproduzir, sem direito de opção. Elas somente devem

seguir a tradição, ou seja, subordinar-se. Seu papel pertencia à esfera doméstica, privada. Entretanto, após a revolução industrial, inicia-se a socialização da mulher - ocorrendo, essencialmente com sua entrada no mercado de trabalho - que em breve ascenderia para a igualdade da política geral (direito ao voto) e para o circuito da comunicação de massa (CECHIN, 2002).

O mundo ocidental é regido, em tempos modernos, pela economia e pela racionalização do tempo, que, por sua vez, influencia o nosso modo de vida. Dessa forma, o processo do próprio nascimento, culturalmente, também se modificou. Em todas as culturas, ao longo da história, as mulheres foram assistidas durante sua gestação e parto. Essas cuidadoras, geralmente, eram do sexo feminino. (CECHIN, 2002). Helmann (1994) cita que, a partir dos anos 1920 e 1930, a profissão médica adquiriu autoridade sobre o processo do nascimento, levando a mulher para o ambiente hospitalar. Dessa forma, inicia-se a medicalização do parto, transformando um evento biológico em um problema médico. A supervalorização do nascimento como um problema técnico retira da mulher o significado que ela atribui a gravidez e ao parto. Essa tecnologia aperfeiçoada, aliada a cultura da racionalização do tempo, levou muitos médicos a apresentar o parto cirúrgico como uma grande opção.

Segundo Cechin (2002), esse sistema está sendo, nos dias de hoje, questionado, pois desumaniza o parto tirando a capacidade nata da mulher de perceber e responder às sensações de seu corpo e a vivência dos aspectos psicossociais do parto. Após milênios e interferências culturais rotineiras no processo do parto, é necessário, mais do que nunca, retornar às nossas raízes (ODENT, 2000).

A razão dessa preocupação encontra-se no elevado número de partos cirúrgicos. Para Cechin (2002), os profissionais da saúde devem refletir sobre seus atos e perceber que talvez o modelo econômico onde a cultura da tecnologia, da racionalização do tempo, do produzir e do consumir estejam atropelando suas condutas profissionais e, assim, intervindo excessivamente em processos naturais como é o parto.

### **2.3.1.3 Violência Obstétrica**

O Projeto de Lei Complementar 7633/2014, do deputado federal do PSOL-RJ, Sr. Jean Wyllys, define:

Art. 13 – Caracteriza-se a violência obstétrica como a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres pelos (as) profissionais de saúde, através do tratamento desumanizado, abuso da medicalização e patologização dos processos naturais, que cause a perda da autonomia e capacidade das mulheres de decidir livremente sobre seus corpos e sua sexualidade, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres. Parágrafo único. Para efeitos da presente Lei, considera-se violência obstétrica todo ato praticado pelo (a) profissional da equipe de saúde que ofenda, de forma verbal ou física, as mulheres gestantes em trabalho de parto, em situação de abortamento e no pós-parto/puerpério.

Em pesquisa divulgada pela Fundação Perseu Abramo – SESC (2010), identificou-se inúmeras queixas em relação aos procedimentos dolorosos realizados pelos profissionais de saúde antes, durante e após o parto, sem consentimento da gestante e/ou sem a prestação das devidas informações. As denúncias vão desde a falta de analgesia, passando por negligência médica, até diversas formas de violência contra as parturientes. Essa pesquisa também revelou que 25% das mulheres entrevistadas sofreram algum tipo de agressão durante a gestação, em consultas pré-natais ou durante o parto. Várias mulheres, ao terem acesso aos dados da pesquisa, confirmaram ter passado por situação semelhante durante o parto de seu (s) filho (s).

Uma das justificativas para o Projeto de Lei Complementar 7633/2014 é a necessidade de ser feito um esforço concentrado para combater a violência obstétrica praticada pelos profissionais da saúde. Citam-se como violações negligência, imprudência, abuso sexual, violência física e verbal, ameaças, repreensões, humilhação, realização de exames dolorosos e contraindicados, passando por xingamentos grosseiros com viés discriminatório quanto à classe social ou cor da pele, por exemplo.

A violência obstétrica coloca a mulher em condição de vítima, e na situação de parto e atendimento à gestante ela fica vulnerável às atitudes do médico (SERIDÓRIO, 2016). O Dossiê da Violência Obstétrica “Parirás com Dor” (2012) aponta que por todo o país, as mulheres continuam a sofrer violência quando se trata da assistência à sua saúde sexual e reprodutiva. O mesmo documento cita a Lei Orgânica sobre o Direito das Mulheres a uma Vida Livre da Violência, aprovada pela Assembleia Nacional da República Bolivariana da Venezuela em 2006, que comenta em sua introdução que a violência contra a mulher constitui um grave problema de saúde pública e de violação sistemática de seus direitos humanos.

## 2.4 Técnicas jornalísticas empregadas

A entrevista é um dos papéis mais fundamentais do jornalista. Ao longo deste trabalho, essa técnica foi bastante utilizada, principalmente para buscar os relatos da experiência de pré, parto e pós-parto. O tipo de entrevista mais usado, segundo as definições de Nilson Lage (2009), foi a testemunhal, quando o entrevistado assistiu a um fato ou, no caso dos partos, o vivenciou. De modo livre, foi questionado às entrevistadas como havia sido o momento do nascimento para elas, para contá-lo como relato destacando pontos que considerava relevantes. De acordo com o decorrer da resposta, se houve algum ponto a ser questionado, ou algum fato a ser mais explorado, havia, então, intervenção da entrevistadora.

De modo geral, é estimulante para o entrevistado, nos momentos em que a fala se interrompe, perceber que o entrevistador está compreendendo o enunciado. Para isso, produzem-se questionamentos que constituem, na verdade, inferências do que acabou de ser dito. (LAGE, 2009, p.82)

Quanto às entrevistas realizadas com especialistas, estas sim tiveram um maior direcionamento, com exposição prévia das perguntas e questões mais objetivas em relação a fatos e dados concretos no contexto dos partos.

As entrevistas foram realizadas de dois modos diferentes, por meio de texto online e pessoalmente, por gravação de áudio (e posterior decupagem) ou vídeo.

Além da entrevista, utilizou-se de técnicas disponibilizadas pelo formato online. A evolução do jornalismo está diretamente atrelada ao suporte técnico pelo qual as informações são difundidas. Ou seja, o jornalista precisa basear seu texto na plataforma que está utilizando (internet, TV, rádio, impresso, etc). Uma das principais possibilidades proporcionadas pelo ciberjornalismo é a criação de hiperlinks e hipertextos, permitindo que o internauta tenha uma leitura personalizada e individual, de acordo com suas próprias escolhas. Essa técnica foi bastante utilizada neste produto, principalmente para relacionar os relatos a pesquisas na área, que traziam os dados concretos. Outra característica oferecida pela internet é o espaço ilimitado. Diferentemente de outros meios, na web não há limites para o uso do texto, imagens e vídeos, já que os servidores costumam ter uma enorme capacidade de armazenamento. Assim, houve pouca preocupação com o tamanho dos textos

produzidos, embora critérios de seleção de trechos de destaque tenham sido utilizados com a criação de box.

Embora o foco deste trabalho tenha sido os relatos de parto e sua caracterização, a produção de conteúdo visual também esteve presente com a existência de depoimentos em vídeo e a execução do fotojornalismo por meio de registros fotográficos de algumas mães e seus bebês após as entrevistas.

### **3. PROJETO DO PRODUTO JORNALÍSTICO**

#### **3.1 Escolha do tema e do produto**

A ideia deste projeto surgiu da observação de um fato social que deve ser denunciado e reportado por um profissional da informação. O envolvimento e a troca de experiências neste tema estão crescendo em grupos e páginas nas redes sociais, como o grupo “Parto Natural” (com mais de 45 mil membros) e a página “Parto Humanizado” (com mais de 41 mil pessoas). A grande mídia ainda aborda relativamente pouco o tema, e fazer um trabalho sobre o assunto é um modo de chamar a atenção e incitar a reflexão sobre as questões que o envolvem.

A escolha do site para hospedar as reportagens se deu por ser um meio de fácil acesso, de amplo alcance, de baixo custo e visivelmente mais compreensível e condizente com o tema, que permite um projeto gráfico especial.

#### **3.2 Projeto Editorial**

A partir do objetivo de demonstrar com relatos as experiências de mulheres e profissionais da saúde com os diferentes tipos de partos e mostrar o impacto das violências obstétricas nas mães e seus bebês, o projeto editorial deste trabalho visa descrever situações de parto humanizado e natural caseiro com especialistas que explicam os prós e contras de cada, além de discutirem os momentos em que a cesárea é ou não necessária. Ao todo, foram entrevistadas 15 mães, de 21 a 42 anos. Além disso, traz a opinião de especialistas, com dois médicos, uma estudiosa, uma parteira e três doulas (uma delas também é uma das mães que realizou parto natural caseiro), para poder mostrar diferentes visões sobre os tipos de parto e explicar os dados que existem na área.

Possibilitando uma flexibilidade com as entrevistadas, as reportagens buscam mesclar fatos com os relatos das mães, além de contar com box explicativos e agregadores, deixando o texto bem fluido e interessante ao leitor. As reportagens possuem tamanhos próximos, de 13 a 17 mil caracteres, e o site ainda conta com uma

página inicial e uma de entrevistas e depoimentos extras, com relatos que não se encaixaram nas reportagens.

### **3.2.1 A linguagem**

A linguagem utilizada nas reportagens se destaca por ser de fácil compreensão, como pede o texto jornalístico. Dessa forma, as leitoras poderão se informar sobre o tema e conhecer casos de outras mães que tiveram situações diversas no âmbito do parto humanizado e do parto natural caseiro. Seguindo os preceitos jornalísticos, estão presentes a simplicidade, a objetividade, a universalidade e uso de ordem direta, evitando a repetição sempre que possível.

Como se trata de uma reportagem inserida no gênero interpretativo, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e liberdade estilística, permite certo posicionamento do autor do texto e uma interpretação/explicação mais contextualizada do conteúdo (SOSTER; PICCININ, 2010). As falas das entrevistadas, no entanto, foram modificadas apenas nos termos coloquiais, gírias e linguagem informal para seguir a norma padrão da Língua Portuguesa.

### **3.2.2 O público-alvo**

A proposta foi criar um produto que tivesse como público-alvo mulheres em idade reprodutiva que serão ou pretendem ser mães e que se interessam por saber mais sobre cada tipo de parto, lendo nos relatos exemplos de mulheres que já o enfrentaram de forma distinta. O objetivo é trazer mais informação para as gestantes que têm o momento do parto como sem escolha, que não refletem sobre o que parir significa. Visa também alertar sobre as possíveis violências obstétricas que podem ocorrer com elas, como denunciá-las e não se submeterem a situações constrangedoras. Ademais, entender os prós e contras de cada tipo de parto, segundo opiniões de especialistas e profissionais da área.

Apesar de ser voltado ao público feminino, este site também pode ser acessado pelo público masculino que busca ter conhecimento sobre o parto e o momento pelo qual suas companheiras passarão para gerarem o filho que também é seu. Além disso, pessoas como familiares e amigos de gestantes poderiam se interessar para

tentarem entender este momento e valorizar o apoio que a parturiente necessita antes, durante e depois do parto.

### **3.2.3 Viabilidade do mercado**

A crescente busca por grupos relacionados ao tema não só virtuais, como também presenciais, e o relevância do assunto por ser um tema de saúde pública demonstra que há interesse de um público, ainda que seletivo. Por outro lado, a discussão sobre os riscos dos partos naturais provoca inúmeros debates, além da questão sobre a necessidade ou não da cesárea, trazem ao público de forma plausível exemplos de pessoas que viveram esses partos e opiniões de especialistas inseridos no tema para que haja reflexão sobre o assunto.

### **3.2.4 Circulação e lançamento**

Ainda que qualquer pessoa do mundo possa acessar o site, o conteúdo é direcionado às mulheres que pretendem ser ou serão mães do estado de São Paulo, por haver alterações na cultura do parto conforme o local de residência no país. Não obstante terá livre acesso por qualquer pessoa. À princípio, o site consta de três reportagens, e não está prevista uma alimentação ou desenvolvimento de mais aspectos no assunto.

O lançamento do produto se deu em 12 de agosto de 2017, mas poderia ser em qualquer época do ano, uma vez que o assunto não possui uma temporalidade e sempre vai ter relevância no meio social e na saúde pública.

### **3.2.5 Custos**

O produto foi economicamente viável, pois os únicos gastos foram com a compra do domínio do site, num valor de R\$173,40, e com a frequência às reuniões do Jardim de Om, num valor próximo de R\$50,00 para custear táxi, visto que era um local distante e as reuniões ocorriam à noite. Não houve gastos com equipamentos, pois a discente possuía câmera profissional e gravador, e pôde emprestar microfone e tripé.

## **4 AS WEB REPORTAGENS**

### **4.1 O processo de produção**

Os tópicos a seguir têm intuito de relatar todo o processo de produção das reportagens para o site, desde a escolha do tema e ideias e critérios utilizados para perguntas durante as entrevistas até estruturação e fechamento do produto final.

#### **4.1.1 Definição das entrevistas e acompanhamento**

Antes da coleta de entrevistas e da pesquisa de campo em busca de profissionais especializados no assunto que pudessem dar entrevistas sobre a temática, houve inserção no assunto ao frequentar a roda “Casais Grávidos” no Jardim de Om, a fim de obter contextualização no parto natural caseiro e definir se aquela seria a proposta do projeto. Simultaneamente, a leitura de diversos artigos sobre parto humanizado destacou as diferenças entre os dois movimentos, juntamente com o conhecimento obtido pelas conversas com parteiras e doulas na roda, ainda sem caráter de entrevista concreta. O acompanhamento de grupos e páginas nas redes sociais sobre o tema também era satisfatório por ilustrar melhor o que poderia ser relato numa reportagem sobre partos.

A escolha de algumas mães entrevistadas se deu por meio das redes sociais, tanto por serem mulheres que estavam relatando casos de violência obstétrica, por exemplo, como também em convite aberto em grupos específicos a participação para conceder relato de parto. Outras entrevistadas, por sua vez, moram na cidade de residência da autora deste projeto, em Itatiba-SP (justificando-se pela maior facilidade de locomoção para gravação das entrevistas).

A contextualização prévia foi importante para a construção das perguntas das entrevistas com especialistas e profissionais da área, para sanar as eventuais dúvidas que surgiram durante a leitura da bibliografia, como por exemplo se eles consideravam a cesárea uma cirurgia, ou uma via de parto legitimada. Nas entrevistas com as mães, não foram necessárias diversas perguntas, apenas um pedido para relatarem seus partos, apontarem situações de violência obstétrica e o porquê da escolha de determinado tipo de parto, se houve escolha.

#### 4.1.2 Busca e escolha das fontes

À princípio, não havia objetivo de escolher especificamente determinadas mulheres para serem entrevistadas, por isso a opção de convidar em um grupo virtual de pessoas interessadas no assunto se alguém gostaria de relatar seu parto. Conforme as mães se identificavam com a abordagem, elas vinham conversar. No entanto, ao perceber que poderia faltar um foco do tipo de parto nos depoimentos, buscou-se diretamente aquelas que poderiam falar com propriedade como havia sido sua experiência em determinado caso. As mães que relataram seus partos humanizados haviam concedido uma entrevista falando de seus partos anteriormente, e, quando contatadas para saber se gostariam de relatar seus partos para este trabalho de conclusão de curso também, não hesitaram. Já os relatos de violência obstétrica foram dados por mulheres que fazem parte da página “Violência Obstétrica”, no *Facebook*, e haviam comentado ou parte do que foram violentadas, ou concordando com o que outras mães falavam, dando a entender que já haviam passado por aquela situação também. As mães que deram depoimentos colocados como “Extras” também contaram sobre seus partos, mas em formato de vídeo. Nenhuma das entrevistadas teve problema em expor seu nome, e todas concordaram com a publicação das reportagens no site.

Já as fontes profissionais e de especialistas na área foram encontradas pelas instituições em que trabalhavam, ou pelo seu cargo. A maior dificuldade foi conversar com os médicos, talvez por serem profissionais bastante ocupados, ou também por não quererem expor suas opiniões sobre o assunto. Um médico foi contatado via e-mail, e a outra foi entrevistada pessoalmente, apesar de ter respondido previamente às perguntas à mão. A parteira e as doulas do Jardim de Om foram bastante solícitas e atenciosas, respondendo não só às perguntas da entrevista, mas de curiosidades acerca do tema também.

#### 4.1.3 Redação das reportagens

Não havia uma estipulação de tamanho exata. A escrita deu-se de maneira livre, de acordo com o conteúdo disponibilizado pelas entrevistas e necessidades de informações sobre determinadas situações nos relatos. Na construção da reportagem,

foram escolhidas entrevistas que tiveram um conteúdo de maior destaque e relevância para a exposição dos dados concretos. As demais, foram disponibilizadas por meio de uma página extra no site, como conteúdo adicional a quem tivesse interesse de conferir mais relatos. Buscou-se uma relação de complementariedade entre os relatos e os dados concretos, colocando-as como exemplos de situações reais em que aquele número da pesquisa se tornava concreto. Assim, houve bastante fluidez do texto e, apesar de serem caracterizadas como grandes reportagens de cerca de 15 mil caracteres, a leitura se dá de maneira rápida e envolvente. A escolha dos títulos e subtítulos das reportagens se deu de acordo com o momento do texto e qual seria o conteúdo subsequente, de modo mais literário, conforme o gênero de reportagem interpretativa, e se utilizando, às vezes, de trechos de falas das entrevistadas.

#### **4.1.4 Uso de imagens**

Quase todas as mães que foram entrevistadas pessoalmente permitiram fotos suas e de seus bebês, apenas uma não pode estar com a criança. Outras enviaram fotos de arquivos pessoais, que foram utilizadas com a atribuição dos devidos créditos. Outras não foram requisitadas para o envio de imagens e não puderam ser fotografadas, pois poderiam enviar um conteúdo sem qualidade técnica suficiente para ser divulgado no site, e, portanto, disponibilizado em vão, e não era possível encontrá-las fisicamente devido à distância. Foram utilizadas também fotos ilustrativas cedidas legalmente pela própria plataforma Wix, com objetos e personagens fictícios que caracterizassem o momento da gravidez.

#### **4.2 Técnicas empregadas**

Utilizar o gênero interpretativo de reportagem permitiu uma maior flexibilidade para explorar os relatos juntamente aos dados e opiniões dos especialistas e profissionais da área, trazendo, de fato, esclarecimentos e informações, apesar de não fugir do critério jornalístico de veracidade.

Títulos, fotos, legendas (às vezes ocultas em função do *layout*), olhos (frases destacadas do texto), entretítulos (palavras em fontes diferentes, que quebram a continuidade do texto) e a retranca (texto independente que trata de um assunto referente ao que está sendo dito, figurando em um box) foram elementos utilizados

que têm a função de informar e organizar a reportagem, de modo que ela fique compreensível, agradável e permita uma leitura estimulante.

Além disso, como supracitado, a técnica jornalística mais utilizada foi a entrevista, e, com a possibilidade por meio de criação de um site, explorou-se também os hiperlinks e hipermídia.

### **4.3 Produto final**

De acordo com o que foi documentado neste relatório e seguindo a proposta do pré-projeto, chegou-se no produto final, um site com *web* reportagens sobre parto humanizado, parto natural caseiro e violência obstétrica denominado “Web reportagens à luz do parto: relatos, reflexões e fatos na obstetrícia”. Este nome se justifica pelo significado da expressão “à luz de”, que quer dizer, segundo o Dicionário Online de Português: “conforme o critério de; segundo o entendimento, princípios ou ensinamentos de”, e porque remete à expressão “dar à luz”, definida pelo Houaiss (2010) como “parir (um filho)”, o que caracteriza o tema deste trabalho. Assim, seriam *web* reportagens feitas com embasamento nos conhecimentos sobre os tipos de parto. Os relatos remetem aos depoimentos das entrevistas, as reflexões à caracterização do gênero interpretativo na reportagem e aos pensamentos e ideias que despertam nos leitores, e fatos aos dados expostos. Todos eles se enquadram “na obstetrícia” porque, segundo o dicionário Houaiss (2010), esta palavra se refere ao “ramo da medicina que trata da gravidez e do parto”.

#### **4.3.1 Projeto gráfico**

O site conta com uma página inicial que introduz os tipos de parto a serem abordados e a questão da violência obstétrica, apontando dados que ilustram este cenário. Em seguida, temos uma apresentação da autora, e um rodapé com seus contatos. Por meio do cabeçalho, é possível navegar para a segunda página, em que se aborda o parto humanizado e se discute também sobre a cesárea; na terceira, é a vez do parto natural caseiro; a quarta finaliza falando sobre a violência obstétrica com diversos relatos e, na quinta, foram publicados vídeos com depoimentos extras. Nas páginas que abordavam os principais temas deste estudo, foram criados olhos e

boxes para facilitar a leitura e compreensão de alguns trechos, além de destacar algumas falas importantes dos entrevistados.

#### 4.3.2 Especificações técnicas

A criação do site ([www.luzdoparto.com](http://www.luzdoparto.com)) até a escolha de seu *layout* e paleta de cores foram feitas pela própria autora, de acordo com o tema de estudo. Por se tratar de maternidade, utilizou-se de cores claras, principalmente tons de rosa e cinza claro, que remetem à sensibilidade e à delicadeza. Apenas na aba de violência obstétrica foi utilizado primordialmente o preto e o branco, em função do assunto mais delicado, com casos bem sensíveis. O *background* padrão é composto de luzes que piscam, remetendo ao nome “Luz do Parto” e à expressão “dar à Luz”. As fotos das mães e seus bebês ou crianças também foram escolhidas para trazer mais leveza às páginas, desde as que ilustraram como *background* até as que estavam inteiras e com legenda oculta (isto é, os nomes só aparecem quando o mouse passa por cima da foto, para não poluir a página). As fontes utilizadas foram Caudex, Cookie e Josefin Slab, em tamanhos maiores para os títulos e menores para entretítulos. Também existem algumas formas, que servem para ilustrar e destacar títulos, além de separar os box e olhos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher este tema delicado para trabalhar como assunto de um trabalho para conclusão do meu curso de Jornalismo foi um desafio, mas um desafio instigante e fascinante, que me provocou sensações, reflexões e sentimentos dos mais variados. Ouvir relatos de violência obstétrica requer muita atenção e cuidado com a entrevistada, que está se abrindo e desabafando com você. Ao mesmo tempo, ouvir uma mãe depondo que foi o melhor momento de sua vida o parto, que se trata de uma sensação única e inexplicável, que o parto natural e em sua casa foi sua melhor escolha, me traz a uma reflexão pessoal muito profunda e agregadora.

A curiosidade pelo assunto começou já antes, mesmo sem ser mãe e sem ter pretensões de me tornar em breve, no início do curso; escolhi como tema de uma grande reportagem falar sobre partos. Conheci o Jardim de Om (lugar em Bauru onde se realizam rodas de “casais grávidos”, apoio à mães e acompanhamento por parteiras e doulas para o parto) naquele ano e, apesar de não chegar a frequentá-lo, fiz uma entrevista bastante agregadora com a mesma parteira que conversei para este projeto. Assim como ela o fez novamente desta vez, várias mulheres que entrevistei, foram incrivelmente dispostas a ajudar, e gostavam de falar sobre o tema, ou sentiam que tinham que falar, no caso das que sofreram agressões obstétricas. Acredito que isso tenha agregado e muito aos textos das reportagens, pois permite um relato rico, detalhado, e, no caso das opiniões dos especialistas, justificativas plausíveis e fundamentadas para o parto que defendia. Gostaria de ter realizado mais entrevistas pessoalmente, no entanto grande parte foi inviável em função da distância e de contratempos. Acredito, porém, que isso não tenha influenciado no resultado final, devido à solicitude das entrevistadas, ainda que virtualmente; seria apenas uma experiência mais completa ainda.

Este trabalho tem o intuito de auxiliar não só as gestantes e mulheres que pretendem ser mães, mas também os pais, familiares e amigos a entenderem os tipos de partos, por que há cada vez mais mulheres lutando pelo parto humanizado, por que outras querem voltar a terem seus filhos em casa, o que passa uma parturiente que vive a violência obstétrica, entre muitos outros aspectos que as reportagens abordam. Conhecer dados, opiniões de especialistas que comentam suas relevâncias e reflexos na obstetrícia e ilustrar tudo isso com relatos verdadeiros de quem já passou

por isso foram aspectos que deixaram as *web* reportagens mais humanas e ricas em detalhes.

O Jornalismo está cada vez mais buscando públicos específicos por meio de temas especializados. Quando uma reportagem é feita para determinado público-alvo, é possível especificar muito mais o que se fala, aprofundar o tema e abranger de modo muito mais agregador os aspectos do que se fala. No caso destas *web* reportagens, escrever especificamente sobre o parto humanizado, o parto natural caseiro e casos de violência obstétrica me permitiu não só trabalhar com dados e relatos, mas também refletir, por meio de reportagem interpretativa, como isso reflete nas mães. As disciplinas de Jornalismo Especializado I e II com certeza tiveram grande influência para o desenvolvimento destas grandes reportagens. O que, em sala, considerava difícil e trabalhoso, com um tema de interesse tornou-se fluido e prático, e foi a parte mais prazerosa do trabalho: escrever as reportagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério da Saúde. **Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

Brasil. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CECHIN, Petronila Libana. **Reflexões sobre o Resgate do Parto Natural na Era da Tecnologia**. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 55, n. 4, p. 444-448, jul./ago. 2002.

CERQUEIRA, Patrícia. **Histórias reais que formam o retrato da primeira infância no país**. Rev. Crescer., n. 146, Jan/2006. Disponível em <<http://revistacrescer.globo.com/Crescer/0,19125,EFC1096770-2450,00.html>>. Acesso em: 30/jul. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUNHA, Iole da. **Treinamento perinatal: conhecimentos básicos para a promoção de uma melhor qualidade de vida**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1991.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos do movimento**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 10, n.3, pp. 627-637, 2005.

\_\_\_\_\_. **Entre a técnica e os direitos humanos: possibilidades e limites da humanização da assistência ao parto**. Tese] São Paulo (SP): Faculdade de Medicina/USP; 2001.

Fundação Perseu Abramo e SESC. **Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado**. Ago/2010. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/2013/03/25/violencia-no-parto-na-hora-de-fazer-nao-gritou/>>. Acesso em: 09/ago. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, A. R. M.; PONTES D. S.; PEREIRA C. C. A.; BRASIL A. O. M.; MORAES L. C. A. **Assistência de enfermagem obstétrica na humanização do parto normal**. Rev Recien, pp. 11(4):23-7. São Paulo, 2014.

HELMANN, Cecil. **Cultura saúde e doença**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **Subgêneros: desvendando as variantes do gênero reportagem**. Revista PUC-SP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/3927/2577>> Acesso em 09/ago. 2017.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2009.

LOWDERMILK, Deitra; PERRY, Shannon; BOBAK, Irene. **O cuidado em enfermagem materna**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

MCQUAIL, D. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_; ASSIS, Francisco de. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na WEB**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese de doutorado. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2003.

ODENT, Michel. **A cientificação do amor**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo**: diferenças que estabelecem diferenças. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, 2010.

Rede Parto do Princípio. **Violência Obstétrica**: “Parirás com dor”. Dossiê da CPMI da Violência contra a Mulher. 2012.

SERIDÓRIO, Daniele Ferreira. **Comunicação, Participação Política e Deliberação na Internet**: uma Análise do Vote na Web. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Júlio de Mesquita Filho. Bauru: 2016.

SOARES, Vera. **Percepções e atitudes**: ser mulher na participação política. In Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Edições Sesc SP, 2013.

SOUZA, Taísa Guimarães de; GAÍVA, Maria Aparecida Munhoz; MODES, Priscila Shirley Siniak dos Anjos. **A humanização do nascimento**: percepção dos profissionais de saúde que atuam na atenção ao parto. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 32, n.3, pp. 479-486, 2011.

TANAKA, A. C. A. **Maternidade**: dilema entre nascimento e morte. São Paulo: Hucitec, 1995.

VASCONCELLOS, M. T. L.; SILVA P. L. N.; PEREIRA, A. P. E.; SCHILITZ, A. O. C., SOUZA JUNIOR, P. R. B.; SZWARCOWALD, C.L.. **Desenho da amostra Nascer no Brasil**: Pesquisa Nacional sobre Parto e Nascimento. Cad Saúde Pública, 30 Supl:S49-58, 2014.